

A negociação da dívida é adiada para outubro

RIO
AGÊNCIA ESTADO

O Brasil deixou para outubro o início da nova rodada de negociação da sua dívida externa porque espera maior definição do quadro econômico mundial, principalmente em função da tendência política nas eleições norte-americanas. A informação foi prestada ontem, no Rio, pelo diretor da área externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano, acrescentando que, mesmo assim, o governo está procurando antecipar suas decisões quanto a créditos, "porque o ano de 1985 será marcado por razoável série de incertezas".

Para prevenir melhor em relação a essas incertezas, Serrano disse que o Brasil, ao iniciar a renegociação da dívida com o banqueiros, terá melhor conhecimento das perspectivas da economia mundial neste final de ano e início do próximo, e da forma como o México, Argentina e Venezuela estão encontrando para solucionar seus problemas. "De posse desses conhecimentos e com resultados melhores do desempenho da nossa economia, poderemos chegar à mesa de negociações com visão mais nítida de números de dezembro, e correndo no vácuo dos outros", explicou o diretor do Banco Central.

Para Madeira Serrano, o desempenho nos principais indicadores da economia este ano confere ao Brasil condições mais interessantes de barganha junto aos bancos credores, visando a obter o maior prazo e o menor custo possível para renegociar a dívida. O Brasil, disse, procurará negociar a dívida externa com o perfil de prazo dentro de uma visão mais ampla de balanço de pagamentos, "o que permitirá fôlego maior até 1988".

Sobre a reunião do Fundo Monetário Internacional, em setembro, Madeira Serrano disse que as preocupações financeiras do País, começam depois de outubro e por isso a reunião será mais de sondagem. Mesmo assim, ressaltou que o Brasil procurará retirar o máximo possível dos entendimentos com os banqueiros em Washington.

PRESSÃO POLÍTICA

O diretor da área externa do Banco Central informou, também, que o governo brasileiro continuará utilizando todos os meios de pressão política possíveis junto aos organismos internacionais, para mostrar que os Estados Unidos devem mudar os métodos de financiar o déficit fiscal, responsáveis pelas altas taxas de juros internacionais e pelas bruscas oscilações do dólar nos mercados de câmbio.

Após acrescentar que tal tipo de pressão será empreendida na reunião de Punta del Este, no Uruguai (nos próximos dias 11 e 12) com os ministros da Fazenda, Madeira Serrano disse que isso já está surtindo efeito dentro dos EUA, por meio de manifestações do Tesouro Nacional, do Congresso e da opinião pública. Ao mesmo tempo, para fugir dos efeitos da política norte-americana nas taxas de juros, principalmente quanto à *prime-rate*, o Brasil desenvolverá gestões junto à comuni-

dade financeira para dar maior conotação à *Libor* (taxa de juros no mercado bancário londrino).

Mas, para o diretor do Banco Central, a grande vantagem do Brasil na nova rodada de renegociação da sua dívida externa serão os resultados da economia interna, tais como o balanço global de pagamentos, que tinha superávit previsto de US\$ 2,25 bilhões até junho, e alcançou US\$ 4,2 bilhões, ou as necessidades de financiamentos que eram de Cr\$ 23,75 trilhões e atingiram Cr\$ 23,3 trilhões. "Quanto às reservas cambiais, a situação ainda ficou bem melhor, pois saímos de uma posição em março, marcada por um passivo de enormes atrasos, para a condição de depositante no sistema financeiro internacional", acrescentou Serrano.



Serrano: eleições influem